

AS RAÍZES HISTÓRICAS DA VÁRZEA DO ASSÚ  
E A SUA REPERCUSSÃO NO MOVIMENTO  
COMUNISTA DE 1935

Fazia mais ou menos quatro anos que havíamos escrito algumas páginas sobre a vida social da Várzea do Assú, quando intentamos escrever este livro. Os constantes estudos que fizemos, porém, daquela época para cá, através de cronistas antigos e modernos, e, por outro lado, os últimos acontecimentos de que foi teatro aquela região, com o advento do comunismo, vieram, entretanto, dar uma nova feição ao nosso primeiro trabalho, do qual procuramos desde logo escoimar as falhas iniciais, dando-lhe uma nova estrutura de acôrdo com os depoimentos dos nossos historiadores e cronistas.

Assim é que tivemos oportunidade de frisar, na parte referente às “tradições”, como se deu inicialmente o povoamento da Várzea nos primeiros séculos da sua colonização e os motivos por que alí se não desenvolveu com a rapidez que era de esperar, o es-

pírito de iniciativa comercial, não obstante ter sido o Assú uma das primeiras zonas da antiga Capitania visitadas pelos portugueses.

Consultando-se detidamente a história da velha Capitania do Rio Grande, ver-se-á sem muita dificuldade, que até começos do século dezoito era aquela zona constantemente invadida pelas ordas dos índios rebelados, vivendo, então, os seus habitantes em constantes sobressaltos, conforme depõe o ilustrado historiador conterrâneo, Desembargador Antônio Soares, à página 99 do seu Dicionário Histórico e Geográfico.

Isto concorreu, evidentemente, para o relativo retardamento do progresso do Assú, no primeiro século da sua colonização, atendendo não somente aos constantes perigos que corriam os seus moradores, bem como pela grande distância que medeiava entre a sede da Capitania e aquela região.

Antecipadamente a êsse período, porém, há uma série de episódios interessantes na sua vida que comecem com a primeira "bandeira" enviada pelo então Capitão-Mór e Governador de Pernambuco, João Fernandes Vieira, em 1668, quando alí foram ter os índios potiguares, até à fase de completo aldeamento dos Jandoís, realizado em 1696, pelo então Capitão do Rio Grande, Bernardo Vieira de Melo.

Esta primeira fase da conquista e conseqüentemente a da colonização se caracterizaram principalmente por um sem número de impecilhos e lutas travadas com os indígenas alí dominantes, fracassan-

do a primeira "bandeira" que fundou o "Arraial" sendo mortos os seus moradores e incendiadas as suas habitações.

Tanto é certo que a segunda bandeira que penetrou aqueles sertões, sob o comando de Manoel Abreu Soares, em 1686, alí chegando encontrou o "Arraial" completamente destruído e as ossadas dos povoadores alvejando as circunvizinhanças.

Esta explicação precisava ser dada no decorrer desta notícia afim de melhor ficar conhecida a região da Várzea por aqueles que não tiveram tempo de compulsar os compêndios de história, podendo dess'arte o observador menos apressado fazer o devido juízo em tôrno da verdadeira significação que teve a Várzea do Assú, na história do Rio Grande do Norte.

Foi, como vimos acima, dentro dêsse ambiente de hostilidades insuperáveis, os índios fazendo guerra de morte aos colonizadores primitivos, êstes por outro lado perseguindo a "ferro e fogo" os indígenas, matando, depredando, queimando, destruindo, que viveu até o primeiro quartel do século dezoito a região da Várzea.

Cumpre salientar, ao mesmo tempo, que sem isto a sua colonização teria sido por demais retardada, uma vez que os Jandoís eram os mais ferozes daqueles sertões.

Sòmente de 1713 em diante, depois das últimas investidas e insultos dos índios Caborés contra os moradores do Assú, mais de um século, portanto, da

conquista do Rio Grande, foi que a zona da Várzea pôde mais ou menos estabilizar as suas fazendas de gado e desenvolver, embora que muito lentamente, a agricultura, cuidar dos seus incipientes carnaubais, utilizando-os na feitura das pequenas casas dos agregados, dos índios domesticados, na confecção de chapéus, abanos, esteiras e milhares de outros utensílios caseiros.

Não queremos dizer com isto que dessa época em diante se tenha processado na vida social da Várzea uma fase de paz e de progresso continuada, pois esta afirmação viria de encontro à própria índole do caboclo selvagem, bárbaro e desconfiado nos primeiros dias da revolta, e, agora, aldeiado e oprimido nos seus ímpetos maravilhosos de rebeldia nativa. Era mesmo natural que vez por outra aflorassem as rixas, os ímpetos bravíos, as tragédias sanguinolentas, as emboscadas furtivas contra os dominadores, os assassinatos postos em prática nas encruzilhadas distantes, enfim, uma série de fatos que a história não registra, mas que os precedentes da vida da Várzea criaram numa sequência de tragédias e acontecimentos incríveis. Por outro lado, essas lutas extraordinárias que se travaram entre dominadores e dominados, durante mais de vinte anos, teriam forçosamente que afetar o subconciente daquela gente, exigindo além disso os repousos longos afim de refazerem as energias perdidas durante a luta. Foi justamente isso o que se deu. Os índios aldeiados não podiam ser, como nunca o foram, bons trabalhadores. Não somente por



causa dos cansaços da guerra, mas sobretudo pela sua pouca disposição para os trabalhos forçados da agricultura. Não podiam ser porisso os construtores de uma nova fase de progresso e adeantamento. Si muito poderiam êles servir nos trabalhos das fazendas de gado, onde a vida quase nômade do vaqueiro nortista se enquadrava muito bem com a sua índole primitiva. Nem porisso deixava de ser o índio domesticado um auxiliar valoroso no desenvolvimento da região, passando semanas inteiras nos matos "tirando" jandaíras e inxuíis, quando não se dedicava às pescarias e aos serviços das fazendas ou em menor escala da agricultura. No mais era êle um pêso morto na vida econômica da Várzea que só servia para comer e dormir nas longas sextas, embalado pela viração fresca e conquistadora do "nordeste" que ameniza aquelas paragens ubérrimas. Êste é também um dos traços característicos do homem da Várzea, nos dias atuais. Do índio recebeu êle por herança atávica os repousos longos, dormindo duas três horas depois do almoço, não se preocupando muito com a construção de boas casas, utilizando o mesmo material da era da conquista, os mesmos modelos, uma completa indiferença pelo futuro, gastando no jôgo ou nas tabernas tudo o que ganha, sambeando semana a riba semana a baixo, percorrendo todos os fobós da redondeza, fazendo arruaças nas festas por onde anda, enfim, deixando a onde passa os vestígios de uma cultura que aos poucos vai desaparecendo nos seus mínimos detalhes.

Um exemplo desse tipo característico da Várzea do Assú poderíamos encontrá-lo na pessoa de Chico de Barros, descendente legítimo de índio, com todos os traços denunciadores dessa linha selvagem — a côr, o rosto, os cabelos pretos e estirados, imberbe, os olhos dansando dentro das órbitas, vivendo sem trabalhar, passeando invariavelmente no seu cavalo, pelas povoações da Várzea, açoitando os soldados de polícia, dando o que fazer aos maiores da terra, dormindo semanas inteiras no mato para escapar à perseguição das “fôrças”, acabando as feiras dos povoados quando queria, enfim, fazendo um sem número de estrepolias que só tinham fim quando estava na cadeia...

Este foi por excelência o tipo que predominou durante muito tempo na região da Várzea, pelo menos até começos deste século.

O Rosário era, na Ribeira do Assú, o lugar mais falado naquela época pelas provas formidáveis que davam os seus cabras, de coragem e valentia. Ainda hoje, quando se fala nas “Noites de Festa do Rosário” é um dos primeiros assuntos que afloram à memória do povo da terra: — “a luta de Chico de Barros e seu irmão Silvério com os Targinos do Assú. Aí teve começo a fama desse grande caboclo varzeano, cujo nome ficou para sempre gravado na lembrança dos habitantes do Baixo-Assú. Outro vulto que ocupou por muito tempo o comentário fabuloso da Várzea foi sem dúvida aquele que respondia pelo nome de Martinho Pantaleão Pereira, queimador de cerca de “ho-

mem rico” e cujo corpo era fechado às balas dos inimigos. A irradiação do seu nome começou nos arredores do Assú e de Santana do Matos, sendo depois falado com admiração e espanto no vale do Baixo-Assú. Martinho Pantaleão Pereira foi por assim dizer um dos nomes que mais impressionaram os habitantes da Várzea pelos seus lances de bravura e sagacidade. Chegou mesmo aos arraiais da lenda. A burra em que andava ficou consagrada na bôca do povo como um dêsse animais em que o faro bem se avizinha da inteligência humana. Filho de uma velha cabocla daquelas paragens, conservando ela, em parte, as velhas reminicências selvagens, não temia êle o assalto dos inimigos porque as “rezas fortes” das crendices maternas lhe haviam fechado o corpo às balas dos seus contrários.

\* \* \*

Viveu, portanto, a Várzea, durante muitos anos, exclusivamente do labor das suas grandes fazendas de gado, criando nos descampados ou dentro dos bamburrais imensos, onde nasciam e se criavam os barbatões espiritados que encheram de glória e deram nome aos Preto Ruívo e aos Senhores Barbalho da redondeza.

Até 1845, seguramente, a Várzea como tôda a Província do Rio Grande do Norte, vivia da criação de gado. Sòmente dessa época em deante, talvez motivado pelas sêcas anteriores que dizimaram cons-

tantemente os gados é que os fazendeiros foram diminuindo as suas criações e se dedicando ao cultivo da agricultura.

Podemos afirmar com absoluta segurança que mesmo assim até começos dêste século a região da Várzea era ainda habitada na sua grande maioria, por fazendeiros, tendo a cultura do algodão se desenvolvido extraordinariamente de 1916 para cá, após a guerra de 1914. Se não nos falha a memória foi com a sêca de 15 que as últimas fazendas da Várzea sofreram grande decadência, desaparecendo quase por completo as últimas reminiscências da zona do gado pròpriamente dita, invadida, então, pela cultura do algodão que daí para cá tomou grandes proporções. Daí em diante não se viram mais as vaquejadas da Ilha, no "paito" de Felipinho; os roçados de algodão foram engolindo os campos largos; o gado reduziu-se a um número limitado de vacas leiteiras, pastando nos campos estreitos; desapareceu o barbatão e conseqüentemente o vaqueiro varzeano. Agora, envez dos grandes currais de carnaúba vêm-se os curralzinhos feitos de varas de marmeleiro ou de estacas de mangue-manso. Envez dos grandes ajuntamentos em tempo de vaquejada, vêm-se os magotes de trabalhadores marchando em direção aos roçados, com as enxadas às costas, derrubando mato. Terminou o ciclo do gado pròpriamente dito para dar lugar ao ciclo do ouro branco e do mocó. Esta é a situação que apresenta hoje a Várzea do Assú, completamente modificada com o surto avassalador dos tempos mo-

dermos. O carro-de-boi e a canôa de canué restringiram extraordinariamente a sua ação com a introdução do automóvel e do caminhão, na paisagem varzeana. O cavalo de sela ou de gado perdeu a consideração que tinha, servindo hoje apenas para as pequenas viagens entre a casa do "mato" e a casa da "rua". Por outro lado, tudo se modificou. O varzeano não é mais aquele homem dos tempos antigos, vestindo ceroula de algodãozinho como sucedânea das calças. Hoje, envez do comum chapéu de couro dos vaqueiros ou do chapéu de palha dos agregados varzeanos, envez das sandálias e dos vestidos de chita das mulheres da Várzea, vê-se alí, nos dias de festa, um vestuário que em nada desmerece ao mais requintado gôsto dos habitantes da praça. A Várzea não é mais nos dias atuais aquela terra do tempo da vaqueirice, cheia de aspectos interessantes e naturais, amenizada pelo sôpro refrescante do "nordeste" bonançoso. Não tem mais aquele encanto de ingenuidade e graça que constituía tôda a beleza dos lares varzeanos. O "progresso" materializou tudo, embotou a alma dos filhos da terra, esqueceu as tradições, mercadejou a religião nas folganças populares, arruinou a economia do povo, desbaratou a vida pacata e mansa dos seus laboriosos obreiros, enfim, tudo avassalou numa conquista apavorante e desalentadora. O homem da Várzea, acostumado a viver naquela paz imensa, naqueles êxtases profundos, mirando eternamente as águas do rio fertilizante, tão impiedoso às vezes, na sua passagem, mas tão generoso depois des-

ta, habituado aos repousos longos, tendo tudo o de que precisava para o sustento da sua prole numerosa, habitando numa terra por demais fértil, trabalhando pouco porque tudo lhe era fácil, só poderia sentir profundamente, uma vez destituído dessas grandes facilidades. Daí vem naturalmente a revolta, um estado de espírito inquietante, servindo de “caldo de cultura” para o desenvolvimento das doutrinas avançadas, como o Comunismo.

Foi dentro desse ambiente, das dificuldades da vida presente, da crise mundial que inquieta todos os povos, que a doutrina comunista encontrou o pobre trabalhador da Várzea do Assú. Deante da completa decadência das grandes fazendas de gado, onde os pobres encontravam, antigamente, amparo certo, a crise mundial preocupando todos os povos, na resolução dos seus problemas internos, os carnaubais açambarcados pelos grandes proprietários, as terras, especialmente, na mão de um número reduzidíssimo; ainda mais: — deante da política extremada dos dois maiores partidos da Província, ambos na mão de duas oligarquias que disputavam o poder afim de se locupletarem dele, — era evidentemente uma situação desesperadora a daqueles que esposavam idéias inspiradas nos grandes movimentos de massa, em torno dos quais giravam as aspirações do mundo moderno.

Não nos cabe aqui, porém, fazer a apologia de nenhuma dessas doutrinas. A nossa missão, é, ao contrário disso, revelar ao futuro historiador, a situação da Província naquela época e particularmente

a da Várzea do Assú, onde se feriu uma das maiores lutas que a nossa história registra nesses últimos cinquenta anos.

O fenômeno comunista na Várzea do Assú, portanto, não é como alguém pensa, à primeira vista, um simples "caso de polícia". Ele possui nas suas entranhas causas profundas e remotas que precisam ser estudadas com penetração e sinceridade. Somos os primeiros a reconhecer, para bem da verdade histórica e sociológica, aqueles fatos comuníssimos, que vemos se realizarem todos os dias na vida social da família varzeana. O trabalhador comendo na mesma mesa com o patrão, dansando juntos em todos os sambas da redondeza, o rendeiro arrematando cerveja por preços exorbitantes para o patrão beber, acompanhando-o em todas as festas, guardando-lhe as costas nas horas aziágas, enfim dando as maiores provas de estima e lealdade, ao patrão, numa demonstração sincera de reconhecimento e gratidão pelos benefícios recebidos. Estes laços existiram, embora que anteriormente mais fortes do que hoje. Contudo, é preciso salientar, nunca desapareceram de todo os sentimentos recalcados, os ressentimentos profundos entre famílias litigantes, os preconceitos de côr, as rixas por questões de terra, os rancores profundos das lutas políticas, as intrigas por causa de gado ladrão, as lutas tremendas por causa de moça fugida e de mil e uma cousas muito comuns na vida das populações rurais do nordeste brasileiro. Como vimos, vêm de longe, portanto, as causas do movimento co-

munista do Assú. Além disso, motivos de ordem religiosa vieram, como era natural, apressar o desenvolvimento do espírito de rebeldia que se criou de alguns anos para cá na região da Várzea. O estado de disponibilidade religiosa em que sempre viveram os habitantes da Várzea do Assú, nunca se aproximando dos sacramentos a não ser no dia do casamento, ou raramente na hora da morte, deu lugar a que o protestantismo pela ação nefasta dos seus "pastores" em sua grande maioria analfabetos, desenvolvessem naquela região uma propaganda intensa, chegando a conquistar povoados inteiros para a sua crença. Enquanto isto a grande massa que habitava os campos era completamente desamparada pela assistência dos padres católicos, a quem só via duas vezes por ano, nas festas do Natal e Ano Bom. Afora essas duas ocasiões, o homem da Várzea se tivesse negócio com o padre teria que cavalgar dez ou doze léguas para vê-lo, se não quisesse esperar o ano inteiro até as festas do ano vindouro. O seu contacto daí por diante teria que ser com a terra, com os carnaubais imensos, dansando e bebendo o ano todo, frequentando os terços e os acompanhamentos, invariavelmente seguidos de bailes, e quando não, eram as jogatinas desenfreiadas, as conquistas das mulheres e filhas alheias, sem a punição dos seus desregramentos. Por outro lado, eram os "pastores" pregando a nova doutrina, cicatrizando numa linguagem virulenta e desrespeitosa os erros dos padres, combatendo o culto às imagens, servindo-se de argumentos puerís



para fazer valer as suas idéias como únicas e salvadoras.

Deante do abandono cruel em que permaneciam os habitantes da Várzea, sem assistência religiosa de espécie alguma, só ouvindo missa duas vezes ao ano, com um grau de instrução religiosa a baixo de zero, o analfabetismo roendo tôdas as consciências, a crise econômica avassalando tudo, o govêrno do município e da Província nas mãos dos poderosos e de uma pequena burguesia política e econômica, indiferentes ao sofrimento dos pequenos trabalhadores do campo, os partidos oligárquicos brigando um com o outro para subir ao poder, deante de tudo isso, repito, somente dois rumos se apresentavam naquele momento aos olhos do rude caboclo varzeano: — ou as idéias vermelhas e sanguinárias do Comunismo Russo ou o movimento da *direita* que avançava assustadoramente com o Integralismo. Infelizmente, porém, circunstâncias de várias espécies contribuíram de maneira vantajosa para a conquista quase imediata de grande número de trabalhadores da Várzea pelos doutrinadores comunistas. Além das causas que apontamos acima vem juntar-se outra de ordem puramente geográfica, como seja a facilidade de transporte entre os portos de Areia Branca e de Macau com a Várzea do Assú e vice-versa. A Várzea, como é sabido, dá anualmente às salinas de Areia Branca, Macau e Mossoró a maior parte dos seus trabalhadores salarizados. E, em virtude dessas relações que são constantes durante o ano, entre os municípios limí-

trofes foi que se desenvolveu na região da Várzea, a doutrina protestante e aquela que mais tarde surgiria como uma resultante da primeira — a doutrina de Marx. Além das causas já estudadas na fermentação do movimento comunista que ali se elaborou com tanta rapidez, podemos acrescentar outras de ordem política, criadoras, por sua vez, de uma situação tanto mais irreconciliável quanto desesperadora entre os dois partidos em luta. A formação de um terceiro partido na Província e êste nascido da junção do Partido Social Nacionalista com o Partido Social Democrático contribuíu evidentemente para o estado de agitação que envolveu por vários meses a Província do Rio Grande do Norte. Como era natural, a junção dessas duas facções viria inquietar vivamente os representantes da velha oligarquia riograndense que fôra apeada do poder pela revolução de 30. Desastrosas foram as consequências dêsse conúbio político, especialmente se olharmos a questão sob o ponto de vista moral e espiritual. Enquanto isto, o “cupim” roía nos esconderijos da politicalha de bastidores. Os comunistas de gravata ou não, infiltravam-se sobrepticiamente nas fileiras dos dois partidos litigantes, fôsse por tática revolucionária ou não, o certo é que lá estavam êles, pregando a doutrina da decomposição nacional, servindo-se para isso dos mesmos processos e métodos liberais em voga, seguindo assim as diretivas do Komintern. Por êsse tempo, pelo menos é o que nos consta dos documentos da época, o Comunismo na Província se dividia

em duas correntes. Uma revolucionária e intransigente, representada pela "União Operária Ocupa Teu Posto" a qual denunciava em seus boletins que o Sr. Café Filho a havia traído. A outra, e esta menos avançada, afirmando em suas constantes publicações, as suas idéias socialistas, continuando, embora, de acôrdo com os postulados que o seu partido defendia. Esta situação tornava-se tanto mais terrível e dolorosa, quanto mais se avizinhava a Província da luta eleitoral. Os comunistas, por outro lado, em face da complacência criminosa e revoltante do govêrno, deixaram de agir na sombra, passando a fazer a campanha abertamente na praça pública, tendo os seus comícios garantidos pela polícia. Por êsse tempo já não era sômente a capital da Província o único teatro da propaganda comunista. Há muito que os portos de Macau e Areia Branca, magníficos pontos de concentração do nosso operariado e para os quais afluíam constantemente os trabalhadores salarizados da Várzea, eram contaminados pelo virus moscovita. Por uma dessas fatalidades a que estão sujeitas as massas desorganizadas é que se viram alguns membros da família varzeana "prêsas" da loucura bolchevista. Os agentes de Moscou iriam assim se aproveitar de um novo elemento de ligação para atuar no meio das populações da Várzea. E para desgraça daquela terra e infelicidade daquela gente boa e generosa, esta missão recairia num dos filhos daquela região. MANUEL TORQUATO — outro rebento valoroso da raça mestiça, que tem dado tantos exemplos de abne-

negação e sacrifício na luta pela vida — êle mesmo — homem disposto para o trabalho, pai de família numerosa, vivendo honestamente no convívio da casa paterna, acostumado ao labor quotidiano da terra fértil e ubertosa, habituado aos suasórios trabalhos das salinas para ganhar o pão de cada dia, conhecedor profundo de tôda a região assuense, foi, por uma dessas fatalidades a que o homem do nordeste está sujeito, o instrumento de que os comunistas se aproveitaram para introduzir na região da Várzea as suas idéias sanguinárias.

Filho de um honesto agricultor em quem sobram as energias da raça, herdou dêste os impulsos atávicos e as resoluções firmes na defesa das idéias que esposava. Nascido e criado dentro da Várzea, sentindo desde criança tôdas as impressões do meio físico, vivendo constantemente do trabalho e para êle, sem outras preocupações a não serem as decorrentes das suas necessidades individuais, sofrendo vez por outra os esbulhos dos mais afortunados, vendo por outro lado como eram injustiçados os pequenos agricultores da Várzea, pagando rendas exorbitantes sem nunca poder vestir uma camisa, eternamente prêso ao balcão do patrão, outros sendo expulsos das terras com os cacarecos na cabeça, sem o direito de dizer uma palavra, tudo isso para quem não tinha uma noção nítida das coisas, um pensamento firmado sobre essa ou aquela questão era deveras irritante e confrangedor.

Foi nesse estado de espírito insustentável que os

agentes comunistas de Areia Branca, Macau e Mossoró encontraram grande parte dos trabalhadores varzeanos, e, em melhores condições aquele que seria mais tarde o “campeão” das escaramuças do Baixo-Assú. Isto, porém, não viram os governantes e os “sociólogos” apressados daquela hora. Os inimigos do govêrno davam-lhe a pecha de comunista pelo fato de receber a colaboração do partido contrário, em cujo seio, diga-se de passagem, havia muito lobo vestido com pele de ovelha... Os comunistas, então infiltrados no partido, diziam por sua vez, que o interventor não era comunista e que aquilo tudo era calunia dos inimigos da situação, desejosos de uma mudança nos destinos do Estado. Êste era também o ambiente nacional. Em todo o país os mesmos surtos de anarquia, a mesma confusão, os mesmos descalabros governamentais, a mesma hipertrofia do regime que estava se esboroando de podre. A Aliança Nacional Libertadora, organização política fundada para apregoar veladamente a doutrina comunista, no país, desenvolvia de Norte a Sul uma propaganda acelerada na conquista de adeptos para os seus quadros. Natal recebia, assim, pela primeira vez, a caravana da Libertadora, realizando um comício em frente ao Palácio do Govêrno. Os comunistas redobravam assim as suas atividades, estimulados pelos novos caravaneiros. A tudo isto o govêrno da República assistia perplexo sem uma providência repressora. O interventor riograndense do norte premido pelas circunstâncias que êle próprio criara, desde o

comêço do seu govêrno, ia além das complacências do govêrno federal, garantindo os comícios dos comunistas em praça pública.

\* \* \*

A carta que possuímos em mãos e que nos foi endereçada pelo sr. Jorge Barreto, residente em Oficinas, do município do Assú, é um documento precioso que merece ser comentado, como sendo, talvez, o único subsídio histórico que se escreveu até aqui sôbre o assunto. Nela o autor se limita a dizer o que viu, sem torcer os fatos, nem falsear a verdade, escrevendo às vezes com intuição de experimentado sociólogo e conciente historiador. Não é que o autor se utilize dos recursos da retórica ou da imaginação folhuda para floreiar frases a esmo nem aformoseiar conceitos. Pelo contrário. Neste sentido a sua contribuição é até muito pobre. Mas a simples intuição que teve ao começar o referido documento, denunciando a obra de descristianização que precedeu o movimento comunista do Baixo-Assú, só por si revela, que o sr. Jorge Barreto é um espírito atilado e rico de observações. Efetivamente, a indisciplina de Lutero, foi, segundo afirma o escritor Otávio de Faria, a causa geradora de todos os males que afligem o mundo moderno.

O comunismo, portanto, diz o grande pensador brasileiro, tem origem na doutrina luterana. Por aí se vê que não andou mal o sr. Jorge Barreto, ao escrever a sua carta, estudando em primeiro lugar a

entrada do protestantismo na Várzea de Assú, dando-o como causa inicial de tôdas as desgraças posteriormente alí verificadas. A carta é, portanto, um relato minucioso dos movimentos protestante e comunista do Baixo-Assú, com todos os detalhes que lhe fôra possível descrever. E se é verdade que certas idéias exercem influência sôbre outras teremos que aceitar forçosamente essa filiação ideológica apresentada por Otávio de Faria no seu livro "O Destino do Socialismo". Vista a questão por êsse prisma teremos que aceitar igualmente o ano de 1928 como o da entrada do Comunismo no Baixo-Assú, época em que tiveram curso naquela região as primeiras manifestações protestantes, sendo MANUEL TORQUATO o seu primeiro anunciador. Neste ponto é simplesmente admirável a resistência do pai — católico, apostólico, romano — diante das inquirições do filho, rebelado contra todos os princípios fundamentais da religião que trouxera do berço. Era efetivamente um *escândalo*, uma *miséria*, um *sinal do anti-cristo*, *aquela* arrogância diabólica do filho para converter o pai à nova doutrina. Deblaterar contra a Igreja Católica, falar abertamente dos padres, coisa nunca vista dentro da Várzea do Assú, pregar a nova doutrina mofando das questões mais substanciais do Catolicismo constituía o que se pode chamar um *fim de mundo*... E, efetivamente o era. Sebastião Silvestre, diante do destempêro do filho só tinha dois caminhos a seguir: — *aceitar* ou *reprovar*. E foi justamente a reprovação o caminho escolhido.

\* \* \*

Não satisfeito com a reprovação do pai vai Manuel Torquato a Mossoró, trazendo de volta o “pastor” de nome José Mateus, o qual depois de algumas pregações em casa de Sebastião, consegue dominá-lo pelo pensamento e pela palavra. Estava começada a *revolução*... Ao ingresso do velho patriarca mestiço seguem-se outros, se bem que entre dúvidas e receios de toda espécie...

Esta é a fase doutrinária propriamente dita, em que os novos adeptos à medida que procuram dilatar a sua doutrina se vêm fechados dentro de um estreito círculo social, sem ambiente para respirar e se mover.

Foi mais ou menos isto o que aconteceu com Sebastião Silvestre depois da sua adesão ao protestantismo. Vivendo antes num ambiente tradicionalmente católico, de todo aberto aos sentimentos afetivos e a uma hospitalidade isenta de qualquer convencionalismo, querido e admirado por ricos e pobres, merecendo até a consideração dos mais graúdos, era natural que viesse a ser despojado desses requintes sociais, uma vez rompido o laço mais profundo dessas relações — a unidade de pensamento religioso. Foi justamente isto o que se deu. Rompido o laço fundamental que ligava o seu destino de homem católico aos sentimentos tradicionais da própria terra estava Sebastião Silvestre isolado do convívio social dos seus antigos irmãos em crença. Se muito poderia dali por diante manter relações de comércio, excessi-



vamente limitadas, apenas como um dever estritamente convencional. Os velhos afetos, as relações naturais de família seriam de ora por deante condicionados aos imperativos da consciência e do coração. O Sebastião Silvestre de alguns anos atrás não era mais aquele homem real e concreto, mas o *crente* nebuloso, renegador da sua fé tradicional, miserável, traidor e perjuro. A sua fisionomia não era mais aquela do homem cristão, — serena, suave, sem arrogância doutrinária, que encara os problemas eternos e humanos com realidade e precisão. A sua conversa denota um estado grave de obceção em progressão violenta para os extremos das loucuras coletivas. Foi dentro desses quadros limitadíssimos e inteiramente fechados a qualquer conciliação que o comunismo veio encontrar o velho patriarca do Alto da Jurema. Qual não fôra a sua estupefação ao receber anos depois a visita do filho, imbuído de novas idéias, relegando a plano inferior a doutrina protestante para exaltar com violência os dogmas da revolução social de Marx!?

A resposta no-la da claramente o missivista. Depois de ouvir atentamente as palavras do filho, Sebastião admoesta-o em tom sereno e grave, procurando dissuadí-lo daquelas idéias. Ainda aí não logrou vantagem a reprovação do pai, porque o filho vendo a resistência paterna, baseada mais das vezes nas citações da Bíblia, voltou a Areia Branca, trazendo de regresso o comunista Joel Paulista, a quem encarregou a catequese do velho mestiço.

Daí em diante, o que vemos é a *ação política* sobrepujando a *ação religiosa*. A casa dos "cultos", tão frequentada antes, degenera em valhacouto de comunistas perigosos, que levam a tóda a região da Várzea a chama vermelha da revolução.

Alto da Jurema, Saco, Olho d'Água e Estacadinha foram arenas de episódios e escaramuças rebarbativas. Mossoró e Areia Branca, por sua vez, eram os *centros* de irradiação doutrinária de onde saíam os pregadores da nova idéia. De lá veio o *crentismo* em 1928, como de lá veio o comunismo em 1934. Sem o primeiro não se justificaria o segundo, na Várzea do Assú. E' verdade, porém, que ali, acolá, surgiam pruridos *renovadores*, através da palavra persuasiva e constante dos chamados socialistas de gravata, semi-alfabetizados, sem conseguir sucessos dignos de nota. O mesmo não se deu, porém, com os Joel Paulista, os José Mariano e tantos outros que atuavam na região baixa do Vale Assú, onde o *crentismo* havia iniciado um trabalho considerável de elaboração ideológica.

Não foi, como se vê, um simples *acontecimento* pelo qual responda o *acaso* ou a *fatalidade geográfica*. Muito pelo contrário, achamos que a ausência do fator moral e religioso de par com as complexidades dos fatores sociológicos e políticos, sem meios de solução, muito contribuíram para a eclosão da tragédia que se sucedeu. Havia, portanto, fortes indícios de uma predisposição acentuada em todos aqueles que tomaram parte no movimento comunista do Baixo-Assú.

E tanto é certo que o grosso da população da Várzea, não só a grande massa (e nesta estão incluídos os *rendeiros, meieiros, agregados, carreiros, tropeiros*, etc.) como a quase totalidade dos pequenos e grandes proprietários ficaram todos à margem da revolução quando a não combateram de armas na mão.

E' que êstes, ficando igualmente à margem do movimento protestante, conservaram e depuraram o sentimento tradicional de amor ao Catolicismo e de fé e confiança nos destinos da terra mater e generosa.

ARTUR FELIPE MONTENEGRO, foi, em certo sentido, o grande inspirador da reação que se formou em nome da honra e do sossêgo da família várzeana.

Sem a sua colaboração a história seria contada de outra maneira. Foi êle o elemento preponderante e decisivo na contra-revolta. Além disso, tudo o indicava, naquele momento, como o "centro" de tôdas as angústias e aspirações.

O desprendimento tantas vezes demonstrado, a coragem, o desassombro, a sinceridade que imprimia, invariavelmente, às suas ações, tudo isso o tornavam credor da confiança e simpatia dos seus conterrâneos.

Era lógico, portanto, que a sua voz tantas vezes levantada em defesa da terra comum, se fizesse ouvir naquela hora em que estavam em jôgo a segurança e a tranquilidade dos lares varzeanos.

O seu gesto, por conseguinte, não foi, como impensadamente julgam os espíritos apressados, uma atitude precipitada e vã. Pelo contrário. Agiu oportu-

tuna e patrioticamente, dando assim, uma lição de civismo e de coragem àqueles que, por conveniência ou covardia se deixaram ficar em casa, comodamente, numa atitude de passividade ridícula e deprimente.

Extremamente apegado à terra e ao seu povo, sofrendo com êle os revezes da Natureza ou com êle gozando as alegrias compensadoras, não seria êle que, na hora do perigo, fugisse ao dever de lutar ou morrer por êle. Os seus antecedentes se opõem a êsse modo de proceder. Daí o temor natural e involuntário que assoberbava os comunistas numa visita à Ilha de Felipinho. E' que já era por demais conhecida a tempera de aço dos descendentes do vaqueirismo varzeano. A Ilha foi terra de vaqueiros destemidos, de homens de prol, de fazendeiros com escravaria numerosa, quase todos ligados à árvore genealógica dos Montenegros do Assú. Lá viveu Chico Xavier, "senhor" de grande escravatura, casado duas vezes, com uma descendência pouco comum. Substituíram-no com honra e prestígio os seus genros Felipe Manuel da Fonseca Montenegro, (Felipinho) e Manuel Xavier da Fonseca Montenegro, (Seu Né) que por sua vez transmitiram a filhos e netos a noção da honra e da integridade moral, nas horas de júbilo e de adversidade. Vêm daí as razões históricas de Artur Felipe que à uma trégua humilhante e deshonrosa preferiu a morte para que sirva de exemplo aos seus conterrâneos e patrícios.

Ninguém poderá lançar-lhe a pecha de covarde ou de traidor. Poderão combatê-lo, sim; nunca, ja-

mais anuviar o brilho da sua personalidade marcante, com a lama podre do escárneo ou da mentira.

Em que consistiu, porém, o seu trabalho de reação ao Comunismo? E' isto o que vamos mostrar daqui por diante.

A Várzea do Assú há muito estava sendo teatro das escaramuças bolchevistas. Comícios, boletins, propaganda individual, todos os meios eram utilizados na disseminação do marxismo. As povoações eram tolhidas, vez por outra, na sua paz habitual, pelos grupos erradios de "pregadores populares" que levavam a todos os recantos a palavra de *resurreição*.

O ataque violento e contumaz à *burguesia*, a dissolução da propriedade privada, a injustiça dos patrões para com os trabalhadores, assumiam proporções assustadoras na linguagem dos "oradores".

Estes, porém, se nada conseguiam fazer, a despeito de tódo esforço numa doutrinação mecanizada e virulenta, mantinham pelo menos o estado de agitação necessário à mística bolchevista.

Artur Felipe Montenegro, foi, talvez, o primeiro, no Baixo-Assú, a compreender o sentido verdadeiro daquela campanha que trazia nas suas raízes o "virus" de um materialismo grosseiro e petulante. Sem ser homem de cultura, mas possuindo a visão esclarecida do camponês que conhece os problemas e as necessidades da terra e do seu povo, sentiu logo os efeitos desastrosos que adviriam daquele movimento.

A sua atitude inicial, portanto, foi de comedido

retraimento, acompanhando com interêsse os passos do inimigo, para depois revelar-se o defensor legítimo da terra em que nascera.

Ciente de que os comunistas pretendiam fazer um comício na Ilha de São Francisco, respondeu enèrgicamente que receberia à bala os pregadores da nova doutrina.

Isto serviu, ao mesmo tempo, como um sinal de virilidade e reprovação. Os comunistas desconcertados com a resposta passaram a reconhecê-lo como o inimigo numero um, na Várzea do Assú.

Dias depois, em 5 de Julho de 1935, prendem Jorge Barreto, cunhado de Artur Felipe, em represália à prisão dos *camaradas* José Domingues e Manuel Moreno, ambos acusados como autores do roubo de Cândido Soares Raposo da Câmara, (Senhor-Cândido), avisando em seguida aos FELIPES que trabalhassem pela soltura dos prisioneiros se quisessem obter a liberdade do parente.

A polícia do Assú que procedia nessa ocasião o inquérito a respeito do ataque de Senhor-Cândido, saiu no encalço dos comunistas prendendo uns e ferindo outros.

Manuel Torquato, o chefe da revolta, consegue escapar à perseguição da "fôrça", sendo visto dias depois na cidade de Mossoró, onde foi prêso e transferido para a cadeia do Assú, de cujo presídio evadiu-se para reiniciar a campanha há tantos mezes encetada. A tática, porém, de ora por deante, seria outra. O Sindicato, sob cuja bandeira defendera

constantemente os *interesses* dos seus irmãos em crença, transformava-se, agora, de simples *meio* de defesa que era, em valhacouto de bandidos e ladrões.

Os FELIPE MONTENEGRO seriam obrigatoriamente o alvo de toda a perseguição.

O conúbio da política partidária com a ralé do comunismo varzeano transfundia-se assim numa simbiose mascarada para fazer frente aos descendentes do bandeirismo baiano que apegados à terra, às tradições e aos costumes, reagiam valentemente contra o despotismo e a calúnia.

Não é que os seus inimigos não fossem também filhos da mesma terra, com aptidões bem mais acentuadas para realizar esse apêgo e essa dedicação ao torrão natal.

Mas a sua visão psicológica estava tão ebnublada pelos estragos de uma doutrina tendenciosa e perversa que não dava margem a uma meditação corajosa e profunda.

Além disso, é preciso não confundir o homem *varzeano*, tipicamente nordestino, amalgamado em costumes e tradições absolutamente positivos e reais, com o *homem deformado e visionário*, criado pelo comunismo russo.

Este último é um *monstrengo* do primeiro, só idealizado pelos cérebros doentios e medíocres que não sentem a chama vivificadora do Espírito, iluminando a razão e a inteligência.

Para êle todos os nossos problemas têm solução, mas é uma solução unilateral, limitada nos princípios

de uma doutrina sem base, sem objetividade, inaplicável.

Daí a justa revolta dos Felipe Montenegro, do Baixo-Assú. Santa revolta de quem ama verdadeiramente a sua Pátria e sente pulsar o coração quando ela está em perigo.

Manuel Torquato, voltando ao seu lugar de combatente, agora com as energias retemperadas pelos sofrimentos da prisão, reanima o grupo, arma-se convenientemente, põe na chefia intelectual do bando o rábula Miguel Moreira, localiza o *quartel general* entre Mossoró e Areia Branca, visitando vez por outra a Várzea do Assú.

Fracassada a revolução comunista de Natal, em Novembro de 1935, o grupo de Manuel Torquato que esperava a hora aprazada para entrar em ação, homisia-se na zona da mata, fugindo à perseguição das forças restauradoras.

O município do Assú, na orla do taboleiro, que vai morrer na faixa do carnaubal, possui pontos magníficos e estratégicos de combate, onde o homem afeito aos fragores da luta, realiza de improviso façanhas inexplicáveis.

Canto Comprido é um dêstes, em que a mão do caciquismo rebarbativo e inconciente pode abater numa emboscada furtiva ou num arrodeio precavido uma fôrça de centenas de soldados.

Foi lá que no dia 2 de Janeiro de 1936, se decidiu o destino de uma luta, cujo desfecho há muito era esperado.



De um lado, Manuel Torquato com o seu bando, composto de 36 homens, bem armados e municiaados; do outro, Artur Felipe Montenegro, acompanhado de amigos e soldados que quiseram consigo escrever uma página digna da nossa história.

Depois de uma caminhada longa e penosa, através de montes e ipuêras, de várzeas imensas, por dentro de gigantescos carnaubais, sob os raios de um sol ardente e fatigante, eis que se deparam na embocadura do açude do Canto Comprido com a fuzilaria comunista acotovelada nos paredões do sangradouro.

A luta foi relampejante e furiosa.

Não é possível detalhar os acidentes do trovão e do relâmpago, como não será crível descrever a bravura daqueles que enfrentaram as tocaias bolchevistas.

\* \* \*

Cessado o fogo, o campo apresentava um aspecto taciturno e comovente. As juremeiras decepadas a meio, um corpo lavando a terra com o sangue gotejante, e mais adiante um cadáver estrangulado, com o peito aberto a golpe de sabre, a cabeça destampada a coice de rifle, era tudo o que havia. Artur Felipe Montenegro era a vítima.

O gado que passava por alí, logo depois da refrega, rumava instintivamente para perto do morto, sentindo o cheiro do sangue recentemente derramado, farejando o solo, escarvando e berrando sofregamente, deixando cair pelas cavas dos olhos as lágrimas que secaram nos olhos humanos...

\* \* \*

No dia 3 de Janeiro de 1936, a Várzea do Assú, assistia pesarosa, no Cemitério do Rosário, o entêrro do primeiro varzeano que soubera morrer como sempre viveu.

\* \* \*

Aquí, é um borrão de sangue que a crônica não registra...

\* \* \*

E a história continúa...